ANO 1.º — LISBOA — SABADO, 3 DE SETEMBRO DE 1921 — N.º 129

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

ESTAMOS felizmente bem abastecidos de policias de segurança do Estado. Se esta febre de policiar pela segurança de todos nós não significasse até certo ponto que nos encontramos em equilibrio instavel, era caso para nos felicitarmos pelas dedicações que nos rodeiam, dedicações gentilmente teimosas em nos manter seguros.

O facto é que o Estado possue uma organização de segurança oficialmente constituida e uma outra constituida por homens dotados de espirito de sacrificio, que se propõe, segundo parece, segurar a primeira e que usa como divisa «o seguro morreu de velho».

Além destas, existem ainda variadissimas policias de segurança, cada uma delas segurissimas dos bons resultados dos seus serviços. São as que conjugam reflexamente o verbo segurar, que neste caso pode traduzir-se pelo dictado «a caridade bem entendida começa por nós mesmos».

Pena é que tantas «seguranças» se dediquem especialmente, demonstrando completo conhecimento da sua missão, a descobrir-se a si proprias, declarando nos jornais o que fazem, o que estão para fazer, os elementos de que dispõem e até os agentes com que contam.

Do que resulta que toda a gente conhece as policias de segurança, muito melhor do que elas se conhecem entre si.

O que tem no fim dos fins a vantagem de permitir a certos Sherlock-Holmes discretos fazer policia por conta propria e vender á comissão, em momentos propicios, as varias «seguranças» que entendem que o silencio nunca elevou ninguem á celebridade...

* * *

A'S 17 horas de hoje deve realizar-se uma entrevista entre o sr. presidente do ministerio e o directorio do P. R. P.

O sr. dr. Antonio Granjo pretende chegar a um acôrdo com os parlamentares democraticos quanto á aprovação das propostas de finanças e da proposta que altera o regime cerealifero.

Falar-se-há tambem na entrevista da eleição do conselho parlamentar que, provavelmente, se efectivará no proximo sabado, dia em que, segundo se afirma, serão suspensos os trabalhos parlamentares.

* * *

SABEMOS que o sr. presidente do ministerio demonstrou a alguns dos seus colegas de gabinete a necessidade de não tornar publicas quaesquer declarações sobre determinados assuntos que correm pela sua pasta, por entender que a inoportunidade dum depoimento póde prejudicar sériamente a acção do governo.

Segundo nos foi dito, esta prevenção do sr. dr. António Granjo não se refere a factos de ordem publica, mas sim de ordem monetária.

* * *

O SR. ministro do Trabalho, que na terça-feira regressa de Coimbra para voltar a seguir para ali em data proxima, regressando a seguir a Lisboa mais uma vez — ocupar-se-há durante o breve tempo que mediar entre as chegadas e as partidas das obras dos Bairros Sociais do Arco do Cego.

EDUCAÇÃO POPULAR

Para os homens que, no tempo da propaganda, diziam querer despertar Portugal dum largo letargo, o povo era uma simples visão mistica, pois que, sendo feito de muitissimos corpos e almas, não tinha alma nem corpo proprio.

Os tribunos invocavam-no na propa da sua retórica fulgurante, os demagogos incitavam-no a fazer-se temido, destruindo um trôno carcomido pelos seculos e pelos vicios, os jornalistas chamavam-no á rua, convidando-o a arrancar as pedras das calçadas e a abater com elas as execradas figuras do regime ominoso.

O povo não respondia, porque não tinha ouvidos. Como, porém, tais prédicas e exortações não podiam deixar de percutir certas curiosidades menos adormecidas, formaram-se, pelo paiz fóra, ligas de patriotas exaltados que, com o sonho da nova aurora, nem tiveram tempo para estudar, ao de leve que fôsse, a nossa história.

Foram estas que vieram a formar o povo que, no dia Cinco de Outubro de 1910, sentiu os primeiros rebates da sua fôrça. Eram, talvez, uma minoria, dentro de seis milhões de almas. Poderiam, porém, conquistar o paiz, coração a coração, se nessa data memoravel compreendessem que a Republica era simplesmente uma possibilidade, a nova *étape* duma aspiração, mas nunca uma conquista definitiva.

Visto que se davam como fervorosos defensores da democracia, deviam dedicar-se á educação das massas populares, mostrando-lhes que Portugal vivera sempre pelo amor e concordia dos seus filhos e não pelos seus odios.

Que se viu?

Houve uma cegueira, barbara e vandalica, contra os prolongamentos e repercussões do passado, da tradição.

Deus foi escarnecido nos seus templos, como se se tratasse dum intruso estranho ás aspirações do nosso ser. Não faltou mesmo quem o quizesse responsabilizar pelo insuccesso de certas emprêsas que a insuficiencia politica dos nossos estadistas originara.

Deus fôra a idéa central da nossa velha cultura, que pedagogistas de má fé apresentaram como causadora da nossa decadencia. Nem nós estavamos decadentes, nem a nossa cultura jámais se mostrara retrograda.

No emtanto, êles afirmavam-no, sendo escutados com aplauso.

Quando lhes preguntaram em que principios pretendiam apoiar a obra das escolas e das familias, indicaram, dogmaticos, a noção da patria. Toda a educação tinha de ser patriotica. Debalde lhes objectaram que há situações morais e mentais que excedem semelhante noção.

Que lhes importava a êles isso!

O que mais os interessava era organizar a Republica, á medida do seu instinto. A Razão mesmo afigurava-se-lhes perigosa. Conseguiram o que desejavam.

E' por isso que o povo ainda hoje não existe como base de instituições que se apresentam como filhas do seu esfôrço.

UMA NOVA ESPECIE

O professor Many assegura que, tanto o homem como a mulher, teem na cara a mesma expressão do animal que nele ou nela predomina.

(Dos livros)

(Desenho de Jorge Barradas)

— **Este tem cara de quê?**
— **De vereador.**

PESSOA que conversa amiúde com os politicos mais graduados do partido liberal, deu-nos, hoje, muito senhora de si, esta novidade:

— O Granjo trabalha denodadamente para conseguir a adesão do ministro da Guerra ao seu partido.

— Com algum fim especial?

— Sim e não. Com o duplo fim de levar para os liberais um nome que sôa bem aos ouvidos da maioria republicana e de tirar ao seu gabinete um pouco do caracter extra-partidario que lhe empresta o titular da pasta da guerra.

— E o que responderá o sr. Freitas Soares?

— Afirmam-me que disse hoje a um amigo intimo: «Não me recusaria a aderir, desde que o partido liberal reconhecesse a necessidade de adoptar uma orientação politica melhor».

Aí fica o que nos disse, muito senhora de si, uma pessoa que se gaba de conhecer os segredos do partido que actualmente governa.

* * *

AS CARTAS de Soror Mariana, traduzidas com muita felicidade pelo deputado *facista* Sabiani, acabam de ser publicadas em Roma.

* * *

DIZIA-SE hoje na Aroada que o sr. Melo Barreto, ilustre ministro dos Estrangeiros, autorizára o sr. dr. Antonio Granjo a incluir o seu nome no Partido Liberal, cumprindo assim uma promessa feita antes das eleições.

* * *

ALGUNS correligionarios, ex-unionistas, do sr. Aboim Inglez continuam a afirmar que a posse do novo ministro da Agricultura é ainda uma coisa muito problematica.

* * *

A FIRMA Ajello, de Nova York, industria de cirios, acaba de fabricar um que tem de circumferencia 1m,50 e de altura 5m,40, podendo alumiar durante cento e vinte mil horas ou cinco mil anos, se estiver aceso vinte e quatro horas, em cada ano.

Destina-se á Catedral da Senhora de Napoles, onde flamejará, só no dia de Todos os Santos, em memoria de Caruso.

E', pois, a America que bate o *récord* dos cirios. Ninguem os fabrica maiores do que ela.

Este triunfo na arte... de fazer cêra era bem digno da Europa, onde, desde que rebentou a guerra há carreiras continuas para o Outro Mundo. Ninguem tem mais mortos nem mais ilustres do que ela. Deveria, portanto, possuir uma florescentissima fábrica de tochas, velas e cirios.

Porque não é assim?

Pela simples razão de que há tantas cidades em chamas que os mortos não necessitam de outra luz para palmilharem as estradas de Além da Campa.

* * *

OS OFICIAIS de toda a guarnição de Lisboa, estabelecimentos militares e aviação foram hoje cumprimentar o sr. ministro da guerra.

* * *

VAI fazer-se nova edição, na Italia, do «Amor de Perdição», de Camilo Castelo Branco, com o titulo de «Amore Sfrenato». A mais recente já se esgotou há bastante tempo.

CRONICA FINANCEIRA

A politica financeira do governo

O que deve ser o programa minimo do actual gabinete

O CONGRESSO INTERNACIONAL DE FINANCEIROS

Não nos cansamos de afirmar e relembrar que o fenomeno politico português apenas interessa esta secção no que ele se possa correlacionar com a materia economica e financeira.

Assim, a ultima crise ministerial.

E tanto o aspecto politico desinteressa que nem gastamos espaço a comentar o pretexto da queda do gabinete Barros Queiroz: a regularização do comercio das cambiais.

Ha na crise e na declaração ministerial do actual governo Granjo materia que muito nos interessa e que é por assim dizer a continuação do que frizámos na nossa cronica aqui publicada em 22 de Agosto findo, subordinada ao mesmo titulo da de hoje—*Politica financeira do governo*.

Nesse nosso comentario do mês passado, nós lamentavamos a contradição em que o sr. Barros Queiroz se mostrava ao apresentar as suas propostas de finanças ao Parlamento—compressão de despesas—e dias depois declarando á Camara que se desinteressava da redução de despesas no funcionalismo.

Isto era uma contradição entre o bom senso, o senso politico, o criterio acertado do sr. Barros Queiroz exposto nas suas conferencias financeiras e as realizações do homem de governo.

Contámos, então, destas colunas, a s. ex.ª o sr. Barros Queiroz a resposta que um ministro da corôa dera ao sr. João Chagas quando este lhe preguntou o que faria se as condições parlamentares e do regime monarquico lhe não permitissem realizar o seu programa financeiro.

Se não fosse o receio de parecermos vaidosos e o medo de que nos atribuissem os intuitos com que foi visado o sr. dr. Catanho de Menezes, diziamos que fomos nós que sugerimos a s. ex.ª o presidente do ministerio anterior a sua resolução de se ir embora.

Não o diremos nem o pensaremos embora continuemos a entender que um homem de boa vontade e de bom senso, com opiniões definidas e formadas sobre os negocios da sua pasta, que vão buscar a sua casa para ir administrar a casa nacional, que chega ao parlamento com um programa de politica financeira, e lho não deixam pôr em pratica—o que tem a fazer é ir-se embora, sem terem mais quaisquer outras razões.

Se s. ex.ª tem tomado essa resolução logo que viu erguer-se o nevoeiro das oposições ao seu programa financeiro, haver-se-ia poupado áquela declaração de que *se desinteressava da redução das despesas com o funcionalismo*.

Isto interessa-nos porque deixada de pé esta declaração do sr. Barros Queiroz pareceria que foram as realidades do poder que o convenceram da impraticabilidade ou desnecessidade da compressão de despesas.

Ora, felizmente, o sr. Barros Queiroz, na sua carta ao sr. Presidente da Republica deixa ficar estas afirmações probas, confirmadoras do seu bom senso e da sua clareza em materia financeira e economica, que, por serem basilares para a resolução da nossa crise financeira, nesta secção as vamos arquivar:

Diz que, como base moral para se exigirem sacrificios aos contribuintes, lhe pareceu sempre indispensavel fazer grandes reduções nas despezas publicas.

Reduzir as despezas, criar receitas e aproveitar devidamente as riquezas nacionais constituiam, a seu ver, os pontos essenciais e imediatos da administração publica. Quando em Maio constituiu governo, o sr. Barros Queiroz julgava essa politica util; hoje julgava uma necessidade absoluta, não só para a nossa politica interna, mas ainda para a nossa politica de relações.

Em volta de algumas das suas propostas de finanças fez-se o silencio; em torno de outras, uma campanha de tendenciosa politica. A redução das despezas era uma necessidade nacional; uma das condições essenciais para o restabelecimento do nosso credito financeiro no estrangeiro. E se credito é uma condição imprescindivel para obter a baixa do custo da vida.

E no acto da posse do gabinete Granjo, o sr. Barros Queiroz confirmou essa sua velha e segura opinião assim:

Referiu-se ao seu programa, dizendo ser indispensavel que este governo ou qualquer outro siga esse programa. Falou em seguida do desequilibrio orçamental, que produz um «deficit» de 300:000 contos. Apontou as causas da nossa má situação financeira e da desvalorização da moeda e disse que o Estado carece de se impôr por uma compressão de despezas, a fim de alcançar a força necessaria para exigir sacrificios ao país. Afirmou ao novo presidente do ministerio que lhe dará toda a colaboração, podendo assegurar que o partido liberal não lhe negará o mais completo apoio.

Seguirá, de facto, o actual governo esse programa, que não é só do sr. Barros Queiroz, mas o de todos os financeiros que sobre a materia se têm pronunciado desde a Paz?

Pelo menos o sr. Antonio Granjo, presidente da situação que sucedeu ao sr. Barros Queirez promete seguir o programa de compressão, na declaração ministerial.

Eis as palavras de s. ex.ª, que são, portanto, as do sr. ministro das finanças, com seu competente termo de responsabilidade:

Sr. presidente:—O govêrno que se apresenta ao Parlamento, embora representando um partido, propõe-se realizar uma politica nacional, dando satisfação, particularmente, ás exigencias da opinião publica no que diz respeito á redução das despesas, á extinção do «deficit» orçamental, á defesa da ordem republicana e ao aproveitamento dos recursos nacionais.

Como o govêrno anterior, o actual govêrno é dominado pelo propósito de moralizar a administração publica, no sentido de reduzir os serviços e os quadros do funcionalismo aos elementos absolutamente indispensaveis e fazer todas as economias possiveis, a fim de se revestir da conveniente autoridade para exigir de todos os sacrificios necessarios á normalização das finanças publicas.

Com a soléne sinceridade que a angustiosa situação nacional impõe a todos os homens de bem e a todos os patriotas, apenas temos um comentario a fazer á apresentação ministerial do gabinete Granjo: cumpra o actual govêrno o programa da redução das despesas que já tem realizado uma grande obra que, ficará, e ficava incompleta, mas que permitiria aos continuadores a salvação do país.

Não faça mais nada, mas faça isso.

Emquanto não vier quem tenha a coragem de levar á realização a redução das despesas publicas, não nos encaminharemos para a salvação nacional.

Este deve ser o programa mínimo do governo do sr. Antonio Granjo, e dirá muito bem com a tradicional rijeza trasmontana.

* * *

Cambios—A expressão da nossa semana cambial está nestes numeros:

		Compra	Venda
	LIBRAS		
2.ª feira	29 de Agosto de 1921	47$50	49$00
3.ª »	30 » » » »	47$00	49$00
4.ª »	31 » » » »	45$00	48$00
5.ª »	1 de Setembro de »	47$00	49$00
6.ª »	2 » » » »	47$00	49$00

* * *

Estabilização dos cambios

Funcionarios do tesouro dos Estados-Unidos admitem a possibilidade da reunião de um congresso internacional de financeiros, que provavelmento coincidia com a proxima conferencia do desaturamento, com o fim de discutir a estabilisação dos cambios.

Lêr no *Diario de Lisboa* a partir de segunda feira **Intibah** ou as *Aventuras de D'Ali Bey*.

O TRATADO DE VERSAILLES

O desarmamento da Alemanha

Um expressivo anuncio do "Hamburger-Tremdenblatt"

"SENTIMENTOS NACIONAIS E PAPEIS EM ORDEM"

A acção dos pan-germanistas contra a qual a imprensa franceza se não tem cansado de clamar e que pouco éco tem encontrado mesmo entre os aliados, devido á habilidade com que se tem disfarçado, começa a manifestar-se em toda a luz.

Não é uma acção desorganizada; não é sequer uma acção ordenada, mas civil. E' a mobilização do exercito alemão, sob o comando dos antigos chefes, submetida á mesma rigida e mecanica disciplina de antes da guerra, disfarçada sob vários nomes.

A dissolução das forças que o Reisch proclamou, em virtude da ordem terminante dos aliados, foi iludida pelos militaristas, que a um sinal se reuniram sob outro nome.

Há pouco, Escherich, o organizador dessas ligas de auto-protecção «Selbstschutz», numa revista hebdomadária muito lida nas universidades, expôz a formação e organização dessas sociedades de que a «Entente» a principio não desconfiou, em virtude da sua organização local; viu-as mesmo com simpatia, visto o seu fim ser combater o bolchevismo. Se veiu a exigir a sua dissolução foi em virtude da campanha dos socialistas, a quem chama traidores. Manifesta o maior dos ódios contra o gabinete Wirth-Bauer, instrumento dos aliados e dos socialistas.

Vejamos agora, como a dissolução dos membros da Orgesch foi iludida.

A liga Stahlhelm

Uma das medidas tomadas pelo Reich, foi a ordem de expulsão a todos os membros de policia que fizessem parte de organizações militares, como a liga de Stahlhelm ou outra qualquer. Cerca de cincoenta agentes que teimaram em não abandonar a liga foram expulsos.

Stahlhelm reclamou ao ministerio do Reich, porque não há lei que proiba a qualquer funcionário, que faça parte de uma agremiação politica; portanto, as expulsões são injustas e devem ser anuladas.

Por este acto, a Stahlhelm afirma a sua existencia; e organizada como associação politica, apezar de ser a Orgesch disfarçada, não receia ataques nem dissoluções.

Na Alta Silesia

As forças da Alta-Silesia, que têm o nome de Schutsbund ou Liga de protecção, estão sob o comando do marechal Mackensen; o chefe efectivo é o general Hoefer; chegou a dizer-se que um principe de Hohenzollern iria tomar posse do comando.

A totalidade das forças do general Hoefez eleva-se a 46:000 homens. Ligada a esta organização está a Mordkommando, que tem por fim fazer desaparecer as entidades que podem contribuir para a causa polaca. Os «heroes» recebem uma gratificação por cada assassinio; aquele que mata um oficial, recebe 5:000 «marcos».

A dissolução destes corpos foi ludibriada; desappareceram como militares e concentram-se como ligas de trabalho. Como prova, basta este extraordinário anuncio, que foi publicado no «Hamburger Tremdenblatt», de 12 de Agosto:

«*Soldados do exercito e oficiaes inferiores* (em grandes caracteres), são necessários para já, como trabalhadores agricolas na grande comunidade de trabalho da Alemanha do Norte. As qualidades indispensaveis são: terem *sentimentos nacionalistas* e papeis em ordem. Ganho diário de 13 «marcos», com pensão e habitação, sem descontos. Inscrever-se na sexta-feira, 12 de Agosto, no porteiro do Hotel Phoenix, das 9 á 1 hora e das 3 ás 5.»

Porque é que para trabalhar em serviços agricolas, só servem soldados e sargentos? O fim é claro.

A acção dos socialistas

A acção reaccionária destas organizações é tão clara que o congresso socialista de Breslau resolveu convidar o governo do Reich a dissolver todas as organizações de trabalho da Alta-Silesia.

Elas não têm por fim reivindicar a Alta-Silesia nem manter a ordem; o seu carácter é acentuadamente reaccionário, para que possa servir a combater uma insurreição polaca.

A Orgesch da Alta-Silesia, que tem sido mantida devido á conveniencia do prefeito da policia de Breslau, Lielermman, com o Selbstochutz e com as associações socialistas dos «Naturaes da Alta-Silesia fieis á pátria» formam a base de actividade nacionalista em acção na Silesia e representa um perigo enorme de guerra entre a Alemanha e a Polónia, logo que a Sociedade das Nações pronuncie a divisão dos territórios.

Concurso hipico do Estoril

Estão-se ultimando os trabalhos no campo de obstaculos para o grande concurso hipico que nos proximos dias 24, 25, 27 e 29 se realiza no Parque Estoril.

A Sociedade Estoril tem-se esforçado para que essas provas decorram com raro brilho, podendo afirmarmos que se estão preparando verdadeiras novidades, que darão ao concurso excepcional interesse.

Afirma-se nos meios sportivos, que disputará essas provas um eximio cavaleiro, que há anos se encontrava no estrangeiro.

O presidente do juri é o distintissimo «sportman» sr. Rui de Andrade.

Em premios serão distribuidos alguns milhares de escudos, um magnifico arreio e valiosos objectos de arte.

As inscrições e a marcação de lugares fazem-se na séde da Sociedade Hipica Portuguesa, rua Ivens, 56, 1.º

SPORT

CLUB NACIONAL DE NATAÇÃO

As festas comemorativas do 1.º aniversario

O Club Nacional de Natação organiza ámanhã, domingo, pelas 16 horas, no lado norte, uma festa comemorando o 1.º aniversario da sua fundação.

O programa consta dos seguintes numeros:

Corrida de 100 metros para nadadores «juniors»; corrida de 3 estilos entre duas «equipes» de nadadores «seniors»; saltos artisticos e de grande altura; corrida de 200 metros livres para nadadores «juniors»; corrida de 50 metros, estilo costas, para principiantes; corrida de 50 metros, estilo bruços, para principiantes; pau ensebado; corrida de obstaculos; «pim-pam-pum» aquatico; disputa da taça «Alfredo Soares»; desafio de «Water-Polo».

Todas as corridas são entre os socios, excepto os saltos, em que tomam parte alguns alunos da Casa Pia e o distinto amador sr. Emile Renou. A disputa da taça «Alfredo Soares» será entre «equipes» escolares de quatro nadadores cada, num percurso de 200 metros, estilo livre. O decafio de «Water Polo» será provavelmente entre uma «equipe» do Casa Pia Atletico Club e o Club Nacional de Natação.

BANCO INDUSTRIAL PORTUGUÊS
RUA AUGUSTA, 116
LISBOA
COFRES DE ALUGUER
(Casa FICHET, Paris)
Em casa forte, construida pelos processos mais modernos e com todas as garantias de segurança

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas—Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

APESAR DO MAL

Quando me cobre a aza da desgraça
E me enche o dia e noite de fadigas,
Quantas vezes, cantando umas cantigas,
Eu penso em acabar com quanto passa

Quando me cobrem dias de ventura
E lanço os olhos pela vida fóra,
Tivera ela seculos... embora!
Era para tal bem, bem pouca dura.

No tempo de grande angustia e pena
Chamo mentira ao da paz serena,
O nascer me parece um grande mal.

No tempo da ventura sinto e digo
Que o sofrimento é natural castigo
Para a minha ventura sem igual.

Mas pensando recolhida esta vida
Tão grande, tão sentida, tão vivida,
Creio que ainda pedirei, Senhor,
Quando determinares minha partid
Mais coragem, mais vida, mais amor.

Carmen Marques

IDADE MEDIA

(Soneto publicado no «Album de Autografos de Artistas Portugueses», vendido no Jardim da Estrela a favor das «Florinhas da Rua»).

A' frouxa luz da madrugada, um cavaleiro,
—A armadura rota e cançado o corcel—
Galopa pelos vales em flor, sobranceiro.
Cabelo ao vento, o rosto ancioso, num tropel.

Interna-se no vale! Pende-lhe a espada ao lado,
Fiel e gloriosa: e sobre o coração
Um laço côr de rosa, velho e desbotado,
Sorri-se—Talisman d'amor e devoção!

O corcel estaca á mão nervosa do Soldado.
—Uma cruz ergue o braço—em orações aos ceus,
A aragem matutina esfolha um malmequer...—

O cavaleiro ajoelha—e rende «Graça a Deus»!
.....
O sol desperta e ouve-se em tom maguado:
Cristo... Jesus—junto a um nome de mulher...

A do Sacramento Monteiro

Lêr no *Diario de Lisboa* a partir de segunda feira **Intibah** ou as *Aventuras de D'Ali Bey*.

JOSÉ TEIXEIRA
68, Rua Serpa Pinto, 70
CHIADO
Propriedades
Trespasses
Hipotecas
Leilões
e
Materiais de construção
REFERENCIAS BANCARIAS

POETISA E REVOLUCIONARIA

UMA FIGURA DE ROMANCE

LEONOR DA FONSECA PIMENTEL

UMA PORTUGUESA QUE É QUASI DESCONHECIDA EM PORTUGAL E TEM O SEU NOME NO "PANTHEON DEI MARTIRI", EM NAPOLES

Há alguns anos visitei em Napoles o mosteiro de S. Martino, que fica junto do castelo de S. Telmo, castelo que já nesse tempo era um quartel, de cujos terraços superiores se vê, em todo o seu explendor, o panorama da cidade com os seus arredores encantadores e da baia azul com as suas ilhas deliciosas e o coração ardente do Vesuvio palpitando ameaçador.

Na contemplação da paisagem radiosa, delicada e grande ao mesmo tempo, banhada duma claridade em que o azul difuso se espalha do mar ao ceu, paisagem duma doçura estranha, duma intensa vida, que atrai, fascina e prende, compreende-se bem a frase orgulhosa que os napolitanos repetem aos estrangeiros:

«Vedere Napoli, doppo morir».

E essa frase passa com a mesma convicção de vaidosa ternura pela boca do gran senhor ou do *cicerone*, do artista ou do garoto vendilhão.

O convento de S. Martino contem verdadeiras maravilhas em pintura, mosaicos, pedras preciosas e marmores—marmores da Calabria, de França, do Egipto e esse incomparavel translucido e assetinado marmore de Carrara, que é um prodigio de beleza.

Na sala do tesouro há os celebres frescos de Luca Giordano, dizendo-se que o centro do tecto foi pintado em quarenta e oito horas, tendo o pintor setenta e dois anos!

Um «Descimento da Cruz», de Ribeiro, impressiona pelo rosto da Virgem sublime e doloroso.

No côro a «Natividade», ultimo quadro de Guido Reni, ergue-se incompleto, como o deixou a morte do pintor.

Quando, depois de ver tantas coisas belas, percorri o pequeno museu do mesmo edficio, sugestionou-me e comoveu-me um quadro moderno, de auctor obscuro, cujo nome nem fixei, e que representa Leonor da Fonseca Pimentel diante dos seus juizes.

Destacava na tela o rosto inteligente, os olhos profundos, a cabeça anelada e soberba dessa portuguesa que na maravilhosa Italia, que lhe foi berço, e atravez dos seus sonhos revolucionarios soube querer bem a Portugal.

Tem figurado em romances, mas está quasi esquecida entre nós essa mulher singular, que morreu na forca com uma coragem viril, sacrificando a mocidade e a vida a ideais que se julgavam generosos e que o tempo tem provado serem na realisação incompletos, precarios, rudes na crueldade, sem virtude e sem grandeza.

Leonor da Fonseca Pimentel, filha de portugueses, nasceu em Roma, mas toda a sua mocidade, que é o mesmo que dizer toda a sua vida, se passou em Napoles, para onde foi em 1760, com seis ou sete anos, na ocasião da ruptura de relações entre o governo português e a curia romana. Aos desaseis anos fazia versos e o pensamento começava a agitar-se-lhe com sonhos de liberdade revolucionaria.

O vento de revolta soprava da França e incendiava muitas cabeças.

Leonor, na idade em que as raparigas têm sonhos de amor, meditava já os severos ideais que para ela terminaram na forca.

Em 1777 dedicou ao marquês de Pombal um drama «Il trionfo della virtu», em que se revela a sua admiração e o seu entusiasmo pela sua patria de origem e pelo grande ministro.

Falava e escrevia o português correctamente, mas, fosse pelo habito que lhe tornava mais familiar, mais facil ou mais querido o italiano, fosse porque essa lingua sonora e cantante lhe merecesse preferencia, nenhuma obra deixou em português.

Quando, em 1798, os franceses de Championnet entraram em Napoles e a cidade proclamou a republica, Leonor da Fonseca Pimentel julgou imediatamente, com uma confiante ingenuidade de mulher e de idealista, que a grande obra de liberdade redemptora que lhe parecia rasgar para todos horisontes de felicidade e de virtude, estava realisada.

Poz-se á frente dos revolucionarios e começou a dirigir o jornal official da republica, com uma popularidade que a tornava adorada e celebre.

A delicadeza da sua inteligencia e a sensibilidade do seu coração feminino, obrigavam-na a aconselhar moderação e os desvarios dos exaltados, a que se opunha sempre, traziam uma desilusão amarga, certamente, aos seus ideais de bondade, e de generosa harmonia.

Se a féra humana é sempre a mesma, quando chega o desencadear das paixões!...

Como M.me Roland, Leonor da Fonseca Pimentel esqueceu-se que era mulher, que era nova, que era linda e que podia no recato dum lar tranquilo, no sorrir dos afectos brandos, encontrar um doce reinado, em que a sua influencia, embora restricta, fosse mais proficua, mais feminina e mais gloriosa na sua obscuridade.

Ao cair a republica Napolitana, Leonor da Fonseca Pimentel foi a primeira vitima escolhida. Morreu enforcada em Julho de 1799.

A multidão, que a tinha aclamado, insultou-a. Sabe Deus que tristes pensamentos passaram nessa hora pela alma apaixonada e desiludida dessa mulher, vitima do ambiente criado pela epoca em que viveu.

O seu nome encontra-se no «Pantheon dei martiri» e em volta da sua figura, uma auréola de poesia restitue-lhe a suavidade feminina, que a rudeza das ideias revolucionarias poderia roubar-lhe.

Maria de Carvalho

NO MAR DA VIDA

Partiu meu coração na galera dourada.
Bela, no alvor da hora, ia ao leme a Ilusão.
Sangrava o sol, sonhava o mar, e em luz banhada
A Terra erguia ao alto a matinal canção.

Eele por lá andou, na esplendida jornada,
Cantando, amando e crendo, o moço coração.
Viu terras de misterio, e a Ilha enfeitiçada
Onde ha beijos a arder em bocas de paixão!

.....
Volta hoje ao seu porto o saudoso navio;
E na tarde de cinza, a enegrecer o rio,
Vêjo-o surgir—Senhor!—desmantelado o pano,

A couraça fendida, um farrapo a bandeira!
E vejo, a estremecer, nesta luz derradeira,
Chorando, junto ao leme, um velho—o Desengano.

Raposo de Oliveira

O ARADO

Agosto. Na planicie, ali abandonado,
— Terra da côr do sangue, á luz do sol ungida —
Como um gigante heroico, em funebre jazida,
Descansa finalmente aquele velho arado.

E o bom do lavrador, no seu olhar maguado,
Envia-lhe o saudoso adeus da despedida,
Sabendo que ele, outróra, a fôrça, a seiva, a Vida
Fez rebentar a flux, do imenso descampado!

Lembrei-me então de vós, egrégios lutadores
Que fecundais na terra o germen da bondade,
Em seara que produz esplendidos amores.

Pois quando ao fim cessar a vossa luta imensa,
O mundo abençoará, na febre da Verdade,
O vosso ideal de luz e a luz da vossa Crença.

A emtejo

Joaquim Lança

Maria Augusta

Morava longe — lá para a Estefania. Todos os dias vinha para o *atelier*, em plena Baixa. Tinha uma grande tristeza nos olhos castanhos, mas a sua bôca, quando ria, era um encanto.

Chamava-se Maria Augusta.

Toda a sua pessoa, miudinha e gracil, parecia corresponder a um sonho de poeta pobre, celebrando num poema a sua noiva ignorada. Gostava muito de ler, sobretudo versos.

Um dia viu numa livraria um exemplar do «Só». Comprou-o a medo, levando-o para casa.

Que revelação!

Leu-o até sentir que o seu destino estava escrito naquele livro. Sem querer, decorou-o: era o verbo do seu coração. A's vezes, as suas companheiras surpreendiam-na, dizendo em voz baixa, só para si, as estancias queridas.

—Estás a rezar, Maria Augusta?

Ela córava e sorria-se timidamente, como se houvesse cometido um pecado.

Não tinha amigas, não tinha grandes afeições. Morava numa agua-furtada, com uma tia quase cega.

A' janela, sobre o peitoril, cultivava um mangerico e um craveiro. Eram a sua paisagem.

Ao regressar do *atelier*, oito horas da noite, aspirava-lhes o perfume, regava-os, concertava-lhes, acarinhava-lhes os ramos. A sua imaginação vivia neles, como um raio de luz no misticismo dum vitral.

Como não conhecia o mundo, imaginava que tudo era liso e branco como a sua alma. Ignorava mesmo o sentido de certa recomendação de sua tia:

— «Tem cuidado com os homens! Quando fôres na rua, segue o teu caminho, sem escutar as suas palavras».

Não compreendia bem que mal êles lhe podiam fazer. No entanto, não se demorava a escutar os seus galanteios. Baixava o rosto e apressava o passo.

Num dia de outubro, porêm, sentiu uma viva curiosidade de fixar um desconhecido que, desde a rua do Ouro, a vinha seguindo, quase a medo. O seu instinto de mulher adivinhava que êste era diferente dos outros.

O temor dominava-a. Julgava que jogaria a sua sorte, se voltasse a cabeça. O acaso ajudou-a. A chuva começou a cair em longas bategas.

Recolheu-se a uma escada.

O mesmo fez o seu perseguidor.

Os seus olhos encontraram-se *para sempre*. Não trocaram uma palavra, mas a simples acção dos sentidos criou-lhe o drama das suas elegias. Ele não devia ter mais de vint'anos...

Era pallido, meigo e talvez doente.

Como se chamava?

Maria Augusta desejaria muito e muito saber o seu nome. Apenas serenou o tempo, pôz-se a andar, pisando as lamas do passeio, como se divagasse pela via lactea.

Julgava-se princêsa, flôr misteriosa dos contos arabes.

Porquê?

Descobrira o companheiro da sua romagem na vida e na morte. Levava-o já a seu lado, orgulhosa de, na pobreza da sua agua-furtada, instalar um sonho de grandeza.

Quando êle, vendo-a entrar a porta da sua casa, lhe enviou uma despedida breve com o chapeu, Maria Augusta teve a impressão que o seu coração ficava na rua, exposto ao vento e á chuva.

Subiu os degraus, contrariada, percebendo que vivia um instante em que oscilava entre o nada e a eternidade. Apareceu á janela, palpitando na esperança de captar o misterio do seu ser, na troca dos olhares.

—Como eu sou feliz! — disse comsigo, ao descobrir em baixo, sob uma arvore do passeio, a doce fidelidade de um rosto que se erguia para ela, como a suplica dum cativo. Sorriu-lhe com toda a melancolia graciosa dos seus labios finos, habituados á religiosa maceração das prèces. A noite caiu e ela adivinhou que êle se afastava.

Voltaria? Se, porventura, nunca mais o tornasse a encontrar, no seu caminho?

Esta duvida torturou-a. Repeliu-a com decisão. Deus seria seu amigo... Não comeu, não dormiu. Sofria por um amor sem nome e deliciava-se na certeza de que estava em contacto com uma aparição.

Tinha, emfim, o seu segrêdo!

Avistava as estrelas com os olhos cerrados.

Porque tal maravilha?

Não sabia explicar. Tinha, porêm, o vago presentimento de que assistia a uma transformação de todos os panoramas da sua alma. Dantes, toda a sua alegria lhe vinha dos sentidos, como um ligeiro canto de ave; agora, era de mais fundo que ela lhe vinha.

Que terra nova descobrira em si?

Quando se preparava para sair para o *atelier*, a sua velha tia, reparando, a custo, na maior palidez da sua face, interrogou-a:

— «Que tens? Estás doente?»

— «Nunca gozei de tanta saude. Tenho fôrça por dois!»

— «E' isso que eu receava... Quando as mulheres da nossa familia avistam a felicidade, ficam como tu estás agora—tão longe do craveiro e do mangerico da sua janela, que nunca mais podem voltar ao seu lar».

Sob a aza negra dêste augurio, é que se perdeu Maria Augusta.

Myrtalo

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Os amores-perfeitos...

Trazia-o nos olhos e na alma desde aquela manhã em que ali, nas Duas Igrejas, ele lhe preguntara numa voz que cantava doçura e docilidade:

—A menina trabalha no Ramiro?

Ela respondera-lhe que sim, que trabalhava, que mais sofria do que trabalhava —porque o trabalho de sol a sol num «atelier», por muita luz que lá entre, é um pesadissimo madeiro que esmaga a vitima antes de atingir o Calvario...

E estabeleceu-se entre ambos—ambos gentis, ambos moços—uma intimidade que dentro em pouco enfartava de delicias o namorado já bacharel na faculdade do Amor.

Ela oferecera-lhe um amor-perfeito, pedira-lhe que o guardasse na carteira depois de murcho, como no coração deveria guardar para sempre o amor-perfeito dela no dia em que, fatigado, o visse murchar.

Na união dos labios ele garantia-lhe uma paixão eterna, esquecido de que as paixões

(Desenho de Jorge Barradas)

só são eternas quando vivem da esperança sempre ambicionada e sempre irrealisada de beijar...

Eterno será afinal o sofrimento dela porque a eternidade apaixonada daquele que era o seu deslumbramento durou apenas três semanas celeres. Ele desapareceu. Ela veio a saber que casára com uma vulgar sssima princeza dos escudos, educada e enriquecida na escola neo-elegante da Praça da Figueira.

Enxugou as lagrimas. Voltou para o «atelier», a gaiola que encarcera todas as suas ilusões perdidas e a obriga a sofrer duplamente. Vergada sobre a costura, distrai-se a ratos. Cada distracção custa-lhe um enterrar de agu ha nos dedos finos, que a arranca do sonho que ainda teima em sonhar e a atira para a realidade do seu martirio

. . . . . .

Esta é a historia singela de Dulce que ha dias prometi contar. Resta acrescentar-lhe um epilogo. A Dulce suicidou-se ontem: casou com um merceeiro alentadissimo que a proibiu de lêr a «Zilda» e de frequentar os animatografos.

Sarmento Duque

Eusebio Leão

O ilustre ministro de Portugal em Roma fez hoje as suas despedidas oficiais

O sr. dr. Eusebio Leão, ministro de Portugal junto do Quirinal, despediu-se hoje do sr. presidente da Republica, do chefe do governo e dos varios ministros, em consequencia de regressar ao seu posto diplomatico na proxima segunda-feira. O sr. dr. Eusebio Leão segue viagem no paquete inglês «Garth Castle», desembarcando em Napoles e dirigindo-se dali para Roma.

UMA IDEIA VELHA

A confederação luso-brasileira

O sr. Carvalho Neves diz ao "Diario de Lisboa" que considera inoportuna a sua propaganda

Deixemos ao Brasil a conveniencia de reconhecer a oportunidade de estreitar relações com Portugal

Tratando de varios interêsses portugueses do Brasil, encontra-se entre nós o sr. Carvalho Neves, que, havendo seguido para terras de Santa Cruz há bastos anos, no entanto continua a amar ardentemente a sua patria, por ela e pelo seu prestigio fazendo quanto em suas fôrças cabe. Conversando com um redactor do «Diario de Lisboa», ácerca de artigos que, sobre a aproximação luso-brasileira temos publicado, manifestou o sr. Carvalho Neves a sua discordancia com o plano de confederação entre as duas nações irmãs, que neles se expõe. E, justificando essa opinião, disse:

— Principiarei por lhe dizer que as nossas relações com o Brasil estão, desde há tempos, no pé das de certos namorados orgulhosos: quanto mais um requesta o outro, mais o outro foge... A idéa agora em debate da «Confederação Luso-Brasileira» não me parece propicia a um melhor entendimento entre os dois paizes, porque ela não tem ambiente no Brasil e chega mesmo a ser suspeita para uma parte e combatida pela outra.

— Mas, pessoalmente, como encara a idéa?

— Não a combato, — longe disso. Ao contrário, entendo que nesse projecto de confederação há muito de aproveitavel e util e que seria uma coisa grandiosa, sob o ponto de vista politico, se fôsse possivel realizá-la, do que duvido. Quanto á parte economica, tenho minhas duvidas de que alguma coisa pudessemos lucrar. As teorias dos seus arautos são defensaveis; mas a prática ensina-me que quanto maior é o vulto da mercadoria oferecida, menor é o preço da oferta. Não vejo bem onde estaria a vantagem de juntar os nossos aos produtos do Brasil. O que eu entendo muito conveniente é que os homens ilustres, que há tantos anos andam a prégar a «Confederação», se resolvam a demonstrar em conferencias ou em um congresso, no Brasil, as vantagens do entendimento que imaginam. Vem aí, daqui justamente a um ano, o centenario da independencia do Brasil. Será êsse o melhor momento de ir lá fazer a propaganda da Confederação. Sei que há homens eminentes no Brasil que tambem esposam o projecto, entre êles, o ministro em Londres, sr. Domicio da Gama, pessoa muito ilustre e cuja opinião valeria por metade do triunfo da idéa. O que já enfada a opinião no Brasil e nos deprime, é andarmos há uma duzia de anos a falar na Confederação e... não passarmos disso...

— Conclusão: o Brasil dificilmente aceitaria o plano da Confederação?

— Sim, insisto em dizer que o Brasil não me parece muito disposto a entrar no plano da Confederação. Tive essa prova ainda há pouco, a proposito de uma critica ao livro «Sentido do Atlantico», do sr. João de Barros. Esse livro fala de um «Portugal maior», com a colaboração do Brasil, atraindo-o á esfera dos nossos interêsses. Ora, o Brasil responde que nada o interessa para o Atlantico e tudo para a terra. Será um ponto de vista errado, que não corresponda ás necessidades da sua expansão comercial? Dizem os nossos confederacionistas que sim. Mas, ouvindo uma das melhores mentalidades da nova geração brasileira, que, quanto a mim, exprime a opinião de toda a nova geração culta, não se pode deixar de reconhecer que o Brasil parece estar com a razão. E aqui está como Tristão de Athayde, pseudonimo de um distinto jurista carioca, filho de português e reconhecido amigo nosso, responde ao livro de João de Barros, em um artigo do brilhante diario «O Jornal», do Rio de Janeiro. Vejamos algumas passagens, que não só sintetizam o pensamento de todo o artigo, mas que ao mesmo tempo demonstram quanto as nossas idéas de Confederação são suspeitas ao Brasil:

«...A aproximação entre duas nações é tanto mais dificil quanto maiores são os laços que as prendem. E isso porque não ha «aproximações sentimentais» entre nações mas aproximações de interesses. Foi o desconhecimento dessa observação comesinha da vida internacional que provocou os movimentos prematuros de certa aproximação excecional entre Portugal e o Brazil. E foram essas tentativas de aproximação artificial e excessiva que provocaram o surto dos nativismos agressivos, tanto lá como aqui.»

E o sr. Carvalho Neves continuou:

— A meu ver, meu amigo, nós andamos a inventar coisas que só farão afastar de nós o Brasil cada vez mais. Uma das grandes vantagens que temos pensado oferecer-lhe, por exemplo, é o porto franco de Lisboa. Ora, isto no Brasil é encarado como um «presente grego», pois que não haveria vantagem alguma para êle em ter um entreposto em Lisboa, desde que o Brasil pode exportar os seus produtos directamente, em vapores seus, aos portos proximos dos grandes mercados consumidores, como Havre, Anvers, Hamburgo, Barcelona, Marselha e Genova, e até para o proprio Oriente êle vai mandar a sua navegação. Pois, se nem durante a guerra o entreposto que oferecemos lhe serviu para alguma coisa de consideravel... Andamos a fazer alarde de vantagens improvaveis, e calamos a maior vantagem que temos oferecido e podemos ainda oferecer ao Brasil: a enorme riqueza que para êle representa a nossa emigração. O ano passado, por exemplo, entre cêrca de sessenta mil emigrantes que o Brasil recebeu, trinta e dois mil — mais de metade — foram nossos. Sabe quanto isto representa, materialmente, além das grandes vantagens de caracter moral e etnico, pela igualdade de lingua, religião e costumes?...

—?...

— Calcule: antes da guerra, o valor atribuido ao emigrante andava, em média, por dois contos de réis; e hoje, como é evidente, êsse valor quintuplicou. Demos, porêm, a cada emigrante o valor de cinco contos, representados pela fortuna publica que êle vai produzir no paiz para onde emigra, sobretudo num paiz rico e ainda despovoado como o Brasil, e veja que só no ultimo ano nós lhe fizemos um presente de cêrca de cento e cincoenta mil contos!... O que me faz afirmar que, hoje, é o Brasil que precisa mais de nós do que nós dêle, porque até o nosso comércio para lá está sendo reduzido de ano para ano, emquanto que o do Brasil para Portugal tem aumentado. Deixemos, portanto, — concluiu o nosso entrevistado — que o Brasil veja com mais clareza a conveniencia de cultivar melhor as suas relações comnosco. Entendo que devemos manter sempre o culto do Brasil e não perder ensejo de mostrar-lhe o nosso afecto; mas entendo tambem que é prejudicial êsse excessivo açodamento com que andamos a solicitá-lo para uma comunhão de interêsses que êle não compreendeu ainda e que até parece não lhe convir. Acabará por suceder como entre os namorados: quanto menos tagatés lhe fizermos, mais êle se aproximará de nós. Ninguem dirá que o paradoxo não tenha sido muitas vezes verificado.

MAGAZINE

Rimas originais

Costa Tristan Derème, que um lojista de Paris, ignorante de tudo que se não referia ao seu comercio, têve o grande desgôsto de vêr morrer o seu grande amigo, um guarda de Saint-Eustache. Querendo prestar-lhe homenagem digna da posteridade, desejava escrever-lhe um epitáfio, no tumulo, que désse prova da sua amizade e não fôsse indigna do futuro. Logo devia escrevê-lo em verso. Mas como, se ele ignorava as menores regras da composição do verso? E foi ter com um mestre-escola que não sabia mais do que ele, mas que, devido á frequencia da escola, julgou poder explicar-lhe magistralmente:

—Cada verso tem uma ideia independente e para rimarem é preciso que as três ultimas letras da ultima palavra de cada verso sejam eguaes.

O homemsito lá foi dando tratos á imaginação e, por fim, conseguiu escrever:

«Ci-gi mon ami Mardoche.
Il voulut être enterié à Saint-Eustache.
Il a porte trente-deux ans la hallebarde
Dieu soi fesse misericorde.»

Há quem pense que é d'ahi que vem o proverbio: «Ça rime comme misericorde et hallebarde».

Crianças perigosas

Numa praia de França, em Erefailli, próxima de Pornic, na Bretanha, a Camara Municipal fez afixar por toda a parte uma taboleta com as palavras:

Pressez garde aux enfants!

ou seja «Cuidado com as creanças», como quem diria: Cuidado com os cães!

Dizem as noticias de lá que os veraneantes não deram por que as creanças da terra fôssem mais ferozes que as de qualquer outro sitio...

A moda

O ano passado, em Cascaes, o prior da freguezia indignado com as «toilettes» de mangas e sáias curtas, de decotes incomensuraveis, disse num sermão que as senhoras se apresentavam, vestidamente, nuas.

Contam-nos que numa praia, não menos elegante, o prior, de semblante e voz severa, disse a uma senhora que se apresentara á confissão com um fato dentro da nomenclatura do prior de Cascaes, e com um gracioso «bonet» á espanhola na cabeça, que o prior imaginava ser «bonet» só de rapazes:

—Minha senhora: se a senhora é um homem descubra-se na casa de Deus; mas se é uma mulher a sério, tenha a bondade de se cobrir.

Nem os mortos escapam

Descobriu-se nos Estados-Unidos um «trust» destinado a fazer elevar desapiedadamente todos os objectos necessários aos mortos, para nem repousar na terra do cemiterio. Um caixão modesto custava o diminuto preço de 1.500$00 a 2.000$00, pela moeda actual. Foi intentada uma acção contra os organizadores do «trust».

E' caso para dizer que já nem se póde morrer. Nem os mortos escapam aos exploradores...

GRANDE VARIEDADE DE Bilhetes, fracções e cautelas para todas as LOTERIAS
GAMA
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

A CIDADE

Notas Mundanas

Veraneios elegantes

Mont'Estoril, 3 de setembro

A festa de caridade, «serão de arte» que esta noite se devia realisar no Grande Casino Internacional, organisada por uma comissão de senhoras aqui veraneando, foi transferida para a noite de 6 do corrente. Brevemente daremos o programa completo desta elegante festa que ficará decerto marcada a letra de ouro nos anais desse magnifico club.

Carlos

Aniversarios

Comemorando o seu aniversario natalicio ofereceu hole aos seus amigos um almoço, o conhecido comerciante da nossa praça sr. José Maria de Almeida.

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Laura de Aguiar Peters, D. Margarida de Melo Falcão Trigoso de Sousa e Vasconcelos, D. Mariana de Menezes Freitas Teixeira de Queiroz, D. Maria Luisa de Sousa Teixeira e D. Maria das Dores de Castro Pinto de Magalhães de Barros,

E os srs.:

D. Francisco de Sousa Holstein (Cezimbra), D. Manuel de Serpa Pimentel, D. José de Sald nha de Sousa e Menezes, dr. Alexandre de N poles e Lemos de Seixas e Manuel da Graça Oliveira Monteiro.

E depois de amanhã as sr.as:

Condessa de Alferrarede, D. Maria da Madre de Deus Ferreira Pinto de astro Constancio, D. Maria Luisa de Melo Saldanha da Gama, D. Eduarda Salgado Zenha da Mota Coelho e D. Estefania de Abreu Correia de Lacerda

E os srs.:

Barão de S. Lazaro, D. José Manuel da Cunha Menezes, filho, Jorge de Melo (Sabugosa e Murça), Manuel Ferrão de Menezes e Vasconcelos e Elizio Nunes de Carvalho.

Em viagem

Partiu de Paris com sua irmã, a sr. viscondessa de Silvares, para Deauville, a sr.ª baroneza de Armstrong.

— Para Paris parte por estes dias, o sr. tenente coronel de cavalaria visconde de Silvares, que de ali segue para aquela elegante praia.

— De Romini partiram para Milão, com suas gentis filhas D. Maria Emilia e D. Antonia, os srs. marqueses-viscondes de Faria.

— Vinda de Melgaço, onde esteve em tratamento, encontra-se em Lisboa a sr.ª D. ugusta de S. Martinho Gonçalves, esposa do sr. Augusto S. Martinho Gonçalves.

— Está já no Mont'Estoril, com sua interessante filha D. Fernanda, e filho Luiz, o sr. Luiz de Sommer.

—Partiu hoje para a Povoa de Lanhoso, com sua esposa a sr.ª D. Albertina Walden Supardo, o sr. André Manuel Supardo.

—Com sua gentil filha D. Mariana Fernanda, partem hoje para Felgueiras, os srs. viscondes de Almeida e Vasconcelos.

—Regressaram do Porto, os srs. condes de Monte Real.

—Da Curia regressou o sr. Julio da Mota Marques.

—Do Bussaco regressou a Cascais com sua esposa a sr.ª D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, e sua gentil filhinha, o sr. Ricardo do Espirito Santo Silva.

—De Londres, chegou a Cascais, onde se encontravam já sua esposa e filhos, o sr. D. José Gil de Borja de Macedo e Menezes.

—Estão em Biarritz, o sr. Antonio Judice Fialho, sua esposa a sr.ª D. Maria Antonia Cumano Fialho e sua interessante filha solteira.

—Encontra-se na Curia, o sr. Augusto Cancela de Matos Abreu.

—Partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria Emilia de Vasconcelos Almeida Beja de Castelo Branco Levita, para o Rio de Janeiro, o sr. dr. Francisco Lopes de Azevedo Coelho de Castelo Branco Levita.

O NOVO GOVERNO

O ministro da guerra foi hoje cumprimentado pelos oficiais da 1.ª divisão e pelo adido militar francês

O adido militar francês cumprimentou hoje o sr. ministro da guerra, que tambem foi cumprimentado pelos oficiais da 1.ª divisão do exercito, do campo entrincheirado e dos estabelecimentos militares, fazendo as apresentações o sr. general Pedroso Lima.

Ministros das finanças e do comercio

Os srs. ministro das finanças e do comercio partiram hoje de manhã para a Figueira da Foz, devendo estar de regresso na proxima 2.ª feira de manhã.

Ministro da justiça

O sr. Fernando Cabral, funcionario do ministerio das colonias, foi chamado á secretariar o sr. ministro da justiça.

PIQUETE NOCTURNO DE ELECTRICISTAS
CHAMADAS URGENTES
Sucursal de «O SECULO» (Rocio)
Telefone, 2:429 C. Pessoal da CASA RUB

DA DIPLOMACIA

As relações com a Santa Sé

Porque razão o governo português concedeu a grã-cruz de Cristo ao conde Majorino Capello

Um dos capitulos mais interessantes da historia das nossas relações diplomaticas com o Vaticano

O governo português fez mercê da grã-cruz de Cristo, distinção que não é vulgarmente concedida, apesar de termos regressado ao tempo dos comendadores e das medalhas, ao conde Majorino Capello, que é actualmente o representante da Republica de Nicaragua junto do Vaticano. E agora preguntará o leitor porque razão foi condecorado um diplomata estrangeiro, que aparentemente nunca teve relações com o governo de Portugal e que até há poucos dias ainda era desconhecido da maior parte da gente que lida nos ministerios e nos jornais? A resposta é simples e inédita. O «Diario de Lisboa» vai desfiar um dos capitulos mais interessantes da história das nossas relações diplomaticas, ou seja o reatamento de relações com o Vaticano. Como sabem, foi no tempo de Sidonio Pais que Portugal teve junto da Santa Sé o seu primeiro ministro, depois de implantada a Republica. Muita gente ignora ainda a maneira como decorreram as negociações, que consta de varios documentos arquivados no Ministerio dos Estrangeiros, segredos de Estado que ainda não viram e naturalmente nunca chegarão a ver a luz da publicidade.

A esse tempo, já o sr. dr. Eusebio Leão gozava em Roma da justa fama de diplomata inteligente, por quem o governo do rei Vitor Manuel teve sempre a mais alta consideração. O conde Majorino Capello era então o representante do Principe de Monaco junto da Santa Sé. Diplomata ilustre e já de cabelos grisalhos, italiano de nascença, pessoa de todo o valimento nos bastidores do Vaticano, a quem Sua Santidade por mais duma vez tinha confiado missões da sua inteira confiança, o conde Majorino Capello andou sempre no segrêdo dos deuses... da Santa Sé. Foi com êle que o nosso ministro junto do Quirinal, em conversas que ainda não tinham caracter oficial, estabeleceu as bases do reatamento das relações da Republica com o Vaticano. Nessas conversas predominou sempre, por parte do nosso ministro, o critério de que os catolicos portugueses deviam acatar as instituições republicanas, regendo-se em tudo que diz respeito ao culto pela Constituição e pelas leis da Republica, critério que foi aceite pelo conde Majorino Capello.

Nestes termos, enviou o sr. dr. Eusebio Leão ao governo português um relatorio em que se dava conta do estado das negociações, relatorio que o sr. dr. Egas Moniz leveu para Madrid e em face do qual começaram então as *démarches* oficiais com o nuncio apostolico na côrte do rei Afonso XIII, que era a êsse tempo monsenhor Ragonesi. Houve quem quizesse, neste capitulo das negociações, apagar a figura do dr. Eusebio Leão, que foi o ponto de partida do restabelecimento das nossas relações com o Vaticano. O nosso ministro em Roma entendia, como ainda hoje entende, que o governo português tinha toda a conveniencia em mandar um representante para o Vaticano, que é hoje o observatorio politico mais interessante do mundo diplomatico. Basta dizer que todas as nações, catolicas ou não catolicas, dirigiram a sua politica — depois da guerra — no sentido da aproximação com a Santa Sé. O conde Majorino Capello, que no nosso caso serviu de intermediario entre o ministro de Portugal e o Vaticano, já tinha sido o encarregado de restabelecer as relações da Santa Sé com a Republica Chinesa. Sendo italiano, logo que o principado de Monaco deixou de se fazer representar junto do Papa, o conde Majorino Capello não esperou muito tempo que outra nação lhe aproveitasse os serviços. A Republica de Nicaragua escolheu-o para seu representante junto do Vaticano. Foi nessa qualidade que começaram as conversas entre o nosso ministro em Roma e o ilustre diplomata que gozou sempre duma justa reputação nas chancelarias do Vaticano. Como base dessas conversas, assentou-se em que a Lei da Separação deveria ser respeitada pelos catolicos portugueses, o que a Santa Sé aceitou, mandando instruções nesse sentido aos prelados de Portugal. Tudo isto consta de relatorios que devem guardar-se no arquivo do Ministerio dos Estrangeiros.

E foi esta a razão porque o governo português entendeu que devia conceder ao conde Majorino Capello a alta distinção que acaba de lhe ser concedida — a grã-cruz da Ordem de Cristo.

A RUA

Um assalto ao Café Restaurant Arcada

Os gatunos assaltaram esta madrugada o Café Restaurant Arcada, situado na Praça do Comercio, de onde roubaram 1:600$00 em dinheiro.

—Esta manhã os gatunos, aproveitando a ausencia do sr. Eugenio Teles, rua Pascoal de Melo, 59, roubaram-lhe da sua residencia objectos no valor de 1:370$50.

Pela imprensa

Completamente remodelado e como orgão oficial da «Acção Tradicionalista Portuguesa» reaparece no proximo dia 15 o jornal «Diario da Tarde», que será dirigido pelos srs. dr. Oliveira Monteiro e J. Duarte Costa.

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

O "DIARIO DE LISBOA"

Começará a publicar na proxima segunda feira um novo folhetim que é uma obra prima da literatura da Turquia

INTIBAH

ou as "Aventuras de D'Ali Bey"

de que é autor KEMAL BEY.

Lêr no "Diario de Lisboa", a partir de segunda feira.

OS TEATROS

Em Italia

Estão sendo representadas em algumas cidades da Italia varias peças portuguesas entre elas o «Envelhecer», de Marcelino Mesquita, e «A ceia dos Cardeais» de Julio Dantas. Segundo nos consta outras peças de autores portugueses serão em breve levadas á scena naquele paiz.

Em Paris

No Gaité Lyrique—Em virtude do grande sucesso da epoca esta será prolongada com varias representações suplementares das peças: «La Juive», «La Vivandière», Le Coq a Chanté».

Entre nós

Foi nomeada societaria do teatro Nacional a actriz Ilda Stichini.

—O actor Silva Sanches, que há muito não representa em Lisboa, foi contractado para a companhia Lucilia Simões que na proxima época de inverno explorará o teatro Politeama.

—Rafael Marques e Mario Santos seguem por estes dias para o Porto, a fim de tomarem parte na interpretação de um «film» onde se estreia como «metteur-en-scène» um italiano de reputado merito.

—As duas apoteoses que se estreiam na segunda feira, na revista «Tic-Tac», em scena no Eden-Teatro, intitulam-se «Luz a jorros», a do 1.º acto, de José de Almeida, e «A Verdade», bela «charge» politica, de Amarelhe.

—As autoridades recusaram o «visto» nos cartazes para a exibição da companhia infantil, com o fundamento de que o Salão Foz não tem condições para funcionar como teatro. Por esse motivo a companhia estreia-se hoje no Avenida.

—Parte hoje para a capital do norte o maestro Antonio Lopes, um dos colaboradores musicais da revista «Tic-Tac».

—Ainda não está definitivamente resolvido em que companhia vão ingressar os artistas Antonio Gomes a Iréne Gomes, recemchegados do Brasil.

—Foi entregue a José Mergulhão a direcção de todos os trabalhos de scenografia da futura companhia Otelo de Carvalho.

—A companhia Chaby Pinheiro deve reaparecer em Lisboa no proximo mês de novembro.

—Há quem queira pôr em scena, completamente remodelada, a revista «Raios X», que há anos foi representada no teatro da Trindade.

—Alves da Cunha reaparece em outubro no Gimnasio, com a «reprise» da peça «A Labareda».

—Noticias do Funchal dizem que chegou há dias áquela cidade, ida dos Açores, a companhia dramatica Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que tem logrado um grande sucesso, embora muitas familias se encontrem veraneando em Porto Santo e outras freguesias do arquipelago.

—Desligou-se da Companhia Palmira Bastos a gentil actriz Leonilda Pereira, por lhe ser impossivel seguir para o Porto.

Reclames

S. LUIS—Constituiu um verdadeiro acontecimento artistico a reaparição do actor Henrique Alves no papel de «Pateta alegre», por ele criado quando da primitiva do «Capote e lenço».

POLITEAMA—Reune todos os atractivos que são necessarios a uma peça para agradar a linda opereto «Amor Perfeito», em scena com optima interpretação da companhia Satanela-Amarante.

GINASIO—Continuam as noites de entusiasmo com «O celebre Pina», afortunada adaptação de Pedro Bandeira, Guedes Vaz e Carlos Ferreira.

AVENIDA—E' hoje que se apresenta a companhia infantil, dirigida pela actriz Cremilda Torres O «elenco» é gracioso e interessante, visto que nele além de 14 artistas, se incluem 16 coristas não contando nenhum destes elementos mais de oito anos de idade. Representar-se-ha a revista «O sonho do Manecas» com todo o aparato, scenarios apropriados e um lindo guarda-roupa, executados expressamente. Os espectaculos serão a preços populares custando os «fauteuils» 2 escudos.

APOLO—Reaparece hoje, a revista «Burro em pé», uma nova distribuição, uma nova enscenação, numeros novos de musica, novas scenas nos varios quadros.

EDEN—Noites de verdadeiro encanto são, positivamente, as que se passam nesta casa de espectaculos desde que ali se representa, com um sucesso estrondoso, a magnificente revista «Tic-Tac».

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21,30—«De capote e lenço».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«O burro em pé».
AVENIDA—A's 20,30 e 22,30—Companhia infantil.—«O sonho do Manecas».
POLITEAMA—A's 21,30—«Amor perfeito».
EDEN—A's 20,30 e 22,30—«Tic-tac».
SALÃO FOZ—Fechado.
COLISEU DOS RECREIOS—Fechado.

CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

CARTA DO FUNCHAL

A importação de farinhas

Funchal, agosto

Espera-se com grande anciedade que o parlamento solucione a questão da livre importação das farinhas, que, ainda recentemente, determinou no Funchal uma greve geral, movimentada e sangrenta.

A crise vinicola

Os três diarios do Funchal insistem na livre entrada dos nossos vinhos em França, protestando contra as falsificações que das nossas marcas se têm abusado largamente no estrangeiro.

Um bairro elegante

Uma missão tecnica, chegada de Lisboa, trabalha no estudo de um bairro elegante a construir na parte ocidental da cidade.

Antonio Eça de Queiroz

Encontra-se entre nós o escritor sr. Antonio Eça de Queiroz, filho do notavel romancista de «A Ilustre Casa de Ramires».

O "Diario de Lisboa"

Os jornais do Funchal transcrevem frequentemente as cronicas dos srs. Norberto de Araujo e Sarmento Duque, publicadas no «Diario de Lisboa».

O "Orfeon Madeirense"

Vai brevemente ás Canarias e aos Açores, o «Orfeon Madeirense».

Armando Correia

Encontra-se na sua quinta de Santo Antonio, o escritor sr. alferes Armando Pinto Correia.

PROVINCIAS

Nas Caldas da Rainha

A epoca termal

Caldas da Rainha, 1

A frequencia a estas termas continua sendo bastante numerosa. Além de se acharem tomadas todas as casas destinadas a banhistas, é dificil conseguir-se um quarto em qualquer dos muitos hoteis. Tanto o sexteto do Club de Recreio como a banda de infantaria 5, que toca no parque, têm sido muito aplaudidos.

Nos dias 15, 17, 19 e 21 do corrente mês efectuar-se-ha o grande concurso hipico internacional, promovido pela Associação Comercial e Industrial desta vila. Os premios pecuarios são da importancia de 3.650$00.

Ramiro Ferreira

Regressou hoje do norte o sr. dr. Ramiro Ferreira, acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Henriqueta Cunha Ferreira.

Uma scena de pugilato

Ontem, ao terminar o baile no Club de Recreio, e junto deste, no parque, houve uma scena de pugilato entre um individuo de fora da terra e um empregado industrial daqui.

Em Coimbra

Operação

Coimbra, 2

Foi ontem operado do trepano, no hospital da Universidade, o carreiro Francisco Matias, que foi agredido, como noticiámos, por uma patrulha da G. N. R. A inocente vitima das barbaridades da patrulha talvez não resista á melindrosa operação.

Falecimento

Faleceu em Penela o conhecido prestidigitador João Manuel Fortuna, subdito espanhol ha muitos anos residente em Portugal.

Em Castanheira de Pera

Visita pastoral

Castanheira de Pera, 30

Com a assistencia do bispo auxiliar de Coimbra sr. D. Antonio Antunes, que veiu em visita pastoral, tiveram lugar e terminaram hoje os festejos em honra do Santissimo e S. Domingos, orago desta freguezia. Revestiram desusado brilho e foram frequentados por muitos milhares de pessoas.

Sindicancia

Está aqui o sr. Manuel Miguel Otto, secretario de Finanças de Pedrogam, a sindicar os actos do sr. Inacio da Costa Ilharco, aspirante de finanças.

Um cortejo civico

No proximo dia 31 do corrente, como é de uso ha muitos anos, realizam os coentralenses um cortejo civico, que costuma ser muito frequentado e imponente. O caso é digno de louvor e de ser imitado, porque são esses mesmos coentralenses que mandaram construir uma escola para o sexo feminino e a sustentam á sua custa.

Em Arraiolos

Um incendio

Arraiolos, 30

Manifestou-se ontem á noite incendio no palheiro junto á casa do nosso amigo José Piteira, tomando, em breve tempo, grande incremento. Ao sinal dado pelas torres da vila, juntou-se no local muito povo.

Os prejuizos julgam-se superiores a 3.000$00, não estando a casa segura em companhia alguma.

Sabemos, porém, que muitas pessoas, dentre as quais os maiores proprietarios desta vila, estão no proposito de se subscreverem para auxiliar aquele nosso amigo de tamanha perda.

O tempo

Continúa o tempo seco e respectivos calores, estando os arvoredos bastante prejudicados e as nascentes quasi secas.

Doente

Continúa em tratamento, em Lisboa, o sr. José Lizardo Vieira.

Em Castendo

Um incendio

Castendo, 1

Na tarde de ontem houve um incendio na Casa da Insua, provocado por uma faúlha saida da casa da maquina, quando se procedia á moagem de cereais de panificação, ardendo por completo umas dependencias destinadas a abegoaria.

No fim, desabou uma parede, que matou um rapaz de 18 anos, Amadeu da Costa Marreca, filho de Joaquim de Almeida e de Emilia de Jesus Marreca, desta vila, e feriu gravemente um criado da Casa da Insua, Antonio Marchante.

Casamento

Na ultima semana realizou-se na capela da Casa de Vila Mendo, o casamento do sr.ª D. Maria dos Prazeres de Gouveia Osorio Melo e Castro, sobrinha do falecido visconde de Vila Mendo, com o sr. dr. Joaquim Lima d'Assis Pereira de Melo, delegado na comarca de Coruche.

DIA RELIGIOSO

ÁMANHÃ, 4.—Resa-se do 16.º domingo depois de Pentecostes. Simplex. Paramentos verdes. N. missa, 2.ª oração «ad cunctis», 3.ª «ad lib.», credo e prefacio da Santissima Trindade.

—Lausperene na igreja de S. Paulo.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 9-30, missa.

S. Paulo, ás 12, festa ao Corpo de Deus, por instrumental, orando o rev. conego Martins Pontes, e procissão no fim da missa; ás 19-30, «Te-Deum».

S. Nicolau, ás 12, festa á Senhora da Caridade, por instrumental, orando o rev. Vacondeus; ás 20, «Te-Deum», por musica.

Linda-a-Velha, ás 12-30, festa á Senhora do Cabo, por instrumental, e sermão, havendo arraial e quermesse.

Porto Salvo, ás 12-30, festa á Senhora de Porto Salvo, por musica, havendo arraial e quermesse.

DEPOIS DE ÁMANHÃ, 5.—Resa-se de S. Lourenço Justiniano, bispo C. Rito simplex. Paramentos brancos. Na missa, 2.ª oração «ad cunctis», 3.ª «ad lib.».

—Lausperene na igreja de S. Paulo.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

S. Paulo, ás 9, missa da Paz; ás 19-30, terço de bemditos, por musica.

Linda-a-Velha, ás 12-30, festa a S. Sebastião, por musica, orando o rev. Firmino da Silva, havendo arraial e quermesse.

Santos Amaral, Limitada

IMPORTADORES-EXPORTADORES

Escritorios:

RUA DE S. JULIÃO, 100

Armazem de vendas

RUA DA PALMA, 225-229

Oficina Eletrotecnica

RUA DE S.TA BARBARA, T. M. V.

Teleg.: SAMARAL | Telef.: (C. 952-Escritorio (C. L580-Armazem

SECÇÃO INDUSTRIAL

CONSERVAS DE PEIXE

Fabricas em:

Matosinhos, Nazaré, Cascais, Setubal, Lagos e Peniche

Secção de Importação e Exportação

Cereais, Cacáu, Café, Cortiça e Azeite —Folha de Flandres, Estanho, Chumbo e Arco de ferro—Aduela de Castanho :-:-:-:-:-: italiano :-:-:-:-:-:

SECÇÃO TECNICA

Maquinas e acessorios para todas as Industrias

Tornos revolvers, Serras de fita, Cravadeiras, Limadores, Postos para soldadura autogenia, Difrenciais de parafuso sem fim e de engrenagem, Electricos, Dinamos, etc.

Material electrico, Lampadas «Philips», Candieiros, Tubo Bergman, Fios, Porcelanas

Instalações de Força Motriz e luz

Descontos aos revendedores

Oficina especial para reparações de aparelhos electrotecnicos, Enrolamentos.

Materias primas, Oleos, Massas lubrificantes, Correias para transmissão, Tintas de esmalte e vernizes «E'clantin».

Aços especiais para ferramentas.

Consultas tecnicas, Instalações fabris, Orçamentos

LUDOVICE, LIMITADA

Rua da Madalena 36, 2.º

TEL. C. 3379

Secção fiscal

Contribuições

Serviços fiscais

e Administrativos

Laboratorios de Farmacia

Instituto Pasteur de Lisboa

DORES ▪▪▪ DORES DE CABEÇA

DORES NEVRALGICAS

DORES REUMATICAS, etc., etc.

Curam-se em curtos momentos com

Quinopyrina

Sem perturbação para o coração, nem fadiga para o estomago ou rins

▪▪▪ ▪▪▪ FARMACIAS ▪▪▪ ▪▪▪

LISBOA — Rua Nova do Almada, 88

PORTO — Rua dos Clerigos, 36

Algarvia, L.da

Importadores e Exportadores

OLHÃO

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1907

Capital UM MILHÃO DE ESCUDOS

BANQUEIROS:

BORGES & IRMÃO

Efectua seguros contra incendio e riscos de mar, roubo, postais, cristais, greves e tumultos, comoções politicas e populares, guerra civil, ACIDENTES NO TRABALHO e SOBRE A VIDA HUMANA.

Sede: Rua do Alecrim, 10---LISBOA

Delegação no Porto:

Rua Sá da Bandeira, 5, 1.º

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES **76** BENGALAS DE MALAGA VENTOINHAS

RUA NOVA DO ALMADA

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇAO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico -- CALVEZES-MARCO

Escritorios: (Nas termas. (Em Lisboa -- R. de S. Nicolau, 88, 2.º

BORGES & IRMÃO—LISBOA

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO	RIO DE JANEIRO
Praça do Municipio, 35 a 38	R. do Bomjardim, 57 a 65	24, Rua da Alfandega, 24
Largo de S. Julião, 1 a 6	R. Sá da Bandeira, 57 a 59	

END. TELEGR.: «BORGIRMÃO» LISBOA, PORTO, RIO DE JANEIRO

TELEFONES: PORTO 302 (5416 C., LISBOA 5417 C. (5418 C., RIO DE JANEIRO 3151

Casa fundada em 1884

Efectuam todas as operações bancarias, tais como: Depositos a prazo e á ordem em moeda nacional e estrangeiras, descontos, transferencias, contas correntes, compra e venda de cambiais, moedas e notas estrangeiras, ordens telegraficas e por correspondencia, abertura de creditos, emissão de cheques sobre o país e estrangeiro, cartas de credito, ordens de bolsa no país e estrangeiro, compra de coupons, titulos nacionais e estrangeiros, emprestimos caucionados, serviço de cofres-fortes, etc., etc.

Secção Maritima

Endereço telegrafico: "STEAMSHIP" TELEFONE n.º 2290 C

Representantes em Portugal da

The Anglo-Portuguese Steamship Co. Ld. e Isaacs Line

NO ESTRANGEIRO

AMERICA E JAPÃO

O estado actual da questão da ilha de Yap

Nos meios diplomaticos de Londres diz-se que se vai tratar do assunto na conferencia do desarmamento em Washington

"Os Estados Unidos reconhecerão o mandato japonês sobre a ilha" — diz a proposta japonesa

LONDRES, 3

Nos circulos diplomaticos diz-se que a questão da ilha de Yap será tratada na conferencia do desarmamento em Washington.

O estado actual da questão assenta nas seguintes propostas japonezas:

Os Estados Unidos exercerão a fiscalização do cabo submarino entre Yap e Guam, uma ilha americana. Os holandezes fiscalizarão o cabo submarino entre Yap e Menado (possessão holandeza). O Japão fiscalizará o cabo entre Yap e Shanghai. Poderão ser livremente amarrados cabos á ilha de Yap. Os Estados Unidos reconhecerão o mandato japonez sobre a ilha.—(U. P.)

AS OPERAÇÕES EM MARROCOS

No combate de Mezquita

os mouros sofreram muitas baixas

MADRID, 3.

O Alto Comissário de Marrocos diz que não tem ocorrido qualquer novidade, continuando os abastecimentos nas posições a ser feitos normalmente.

Noticias chegadas a Melilla, vindas do campo inimigo, confirmam que no combate de Mezquita os mouros sofreram um duro castigo, tendo sofrido muitas baixas.—(U. P.)

Desenha-se um ataque a Xauen

MELILLA, 3.

Têm-se tomado todas as medidas para defender Xauen do grande ataque que sobre ela se desenha. Na zona de Larache têm-se repetido ataques feitos pelos beniurriguieles e beniruflets, tendo sido rechaçados, com sensiveis baixas, e tendo as nossas tropas tambem tido baixas sensiveis.—(R.)

Os ultimos combates

MADRID, 3.

Saiu de Guadalajara para Melilla a companhia de aerostação. O capitão-general de Saragoça nomeou uma comissão que vae a Londres comprar aeroplanos com o dinheiro adquirido por subscrição popular.

O presidente do conselho conferenciou com o rei, informando-o detalhadamente dos sucessos passados ante-ontem em Melilla, em que as nossas tropas se portaram heroicamente, castigando duramente o inimigo.—(R.)

As irmãs de caridade

MADRID, 3.

O rei recebeu a inspectora geral das irmãs da caridade, que lhe solicitou que estas fôssem enviadas a Melilla. Sairão 25 irmãs de Madrid e 50 da provincia.—(R.)

AINDA O ASSASSINIO DE ERZBERGER

"Os Cavaleiros da Tavola Redonda" pretendem aniquilar os partidarios da Democracia

Já foram assassinados 315 homens notaveis da esquerda — Onde estão os assassinos?

O assassinato de Erzberger, o chefe do partido do centro alemão, é a continuação da série de assassinios que o partido pan-germanista vem realizando, a fim de se desembaraçar de todos aqueles que, pelo seu valor, se opõem aos seus designios de desforra e encaminham a Alemanha para a democracia.

E' esta a opinião de todos. A imprensa alemã da direita defende-se, apresentando a dúvida como unico meio de defesa, visto que ainda não foram descobertos os assassinos.

Onde estão os assassinos de 315 assassinados, que tal é o numero de homens notaveis da esquerda que foram mortos por motivos politicos? 309 dêstes crimes ficaram impunes. Entre as vitimas, contam-se Liebknecht, Rosa Luxembourg, Kurt Eisner, Haase, Hans Paasche e, ultimamente, o deputado independente Gareis, cujos assassinos, como na maior parte dos casos, nunca foram descobertos.

Há na Alemanha uma sociedade secreta nacionalista, maçonaria branca, terrivel, no segredo das suas acções, como todas as associações secretas; o homem que revelou a existencia desta maçonaria, que se chama «Os cavaleiros da Tavola Redonda» e que tem por fim trabalhar pela restauração do imperio, o sargento Buchholtz, foi assassinado por mão ignorada.

Erzberger era o chefe do partido do centro do Reichstag e o homem que tratou e assinou o armisticio em 1918. A sua politica, primeiro de propaganda alemã no estrangeiro, mudou logo que reconheceu que a Alemanha perderia inevitàvelmente a guerra. Então, todos os seus esforços se orientaram no sentido de obter uma paz rápida para que as condições fossem mais favoraveis ao seu paiz.

O partido militarista levou a melhor nessa luta, por forma que, quando o Reich o mandou assinar o armisticio, levava a ordem desesperada de Hindenburgo: «Assine, seja por que preço fôr».

Assim, Erzberger era o homem que representava a derrota para os nacionalistas, era o bode expiatorio da sua cegueira, que, para se desculpar da derrota, a atribuia á sua politica pacifista.

Assinado o armisticio, Erzberger foi o homem que mais trabalhou pelo cumprimento das clausulas dos tratados; diz-se que êle era o conselheiro do chanceler Wirth. A sua opinião era que a Alemanha devia desembaraçar-se da pressão dos aliados, cumprindo regularmente a sua palavra para se entregar ao levantamento economico e procurar adquirir pelo trabalho a preponderancia que as armas lhe tinham roubado desastrosamente.

Erzberger era o homem mais capaz de realizar esta idéa; era um parlamentar terrivel, qualidade rarissima na Alemanha, á voz do qual o partido catolico do centro, do qual depende a orientação politica do imperio, se inclinaria para a esquerda.

Era preciso, portanto, desembaraçarem-se dêle antes que fossem votadas as novas medidas economicas; derrotas no campo politico já lhe deviam muitas.

No entanto, a agitação dos partidos da esquerda, que já se mostrara enorme quando do assassinato de Gareis, manifesta-se agora terrivel. O novo assassinato põe frente a frente duas fôrças terrivelmente inimigas; a dos pan-germanistas e a dos socialistas.

O presidente Wirth diz que a republica está em perigo. Imediato, não; o perigo que se declara imediato é o da guerra civil na Alemanha.

Os partidos da direita têm dado provas de que não desarmam; a agitação promovida por êles é cada vez mais intensa. As fôrças socialistas manifestam-se igualmente; e diante da reacção nacionalista conducente á volta dos Hohenzollern e ao imperio, compreende-se que os socialistas, defendendo-se, se inclinem ainda mais para a esquerda e proclamem a IV Internacional, emquanto os socialistas franceses se inclinam para a moderação e votam pela Internacional de Moscou.

Êles acabam de prometer que a cada manifestação pan-germanista responderá outra manifestação socialista. Se se quizer evitar que a Alemanha nade em sangue na primavera, é preciso que sejam tomadas decisões graves.

Erzberger morreu, mas é preciso que o seu espirito sobreviva, se se quizer evitar uma nova revolução. Assim fala a «Correspondencia socialista maioritaria».

A agitação socialista é terrivel.

O presidente do Reichstag diz: «Ninguem consegue despersuadir-me de que as balas que atingiram o nosso colega atingiram tambem a paz e a calma da Alemanha e de que terão consequencias incalculaveis para a nossa patria».

DE BERLIM

O governo alemão e a propaganda pangermanista

BERLIM, 3.

Tem continuado a haver diversas manifestações ordeiras de apoio ao regime. A grande massa da população é favoravel á manutenção da republica na Alemanha, e póde-se quási garantir que não há possibilidade duma tentativa de golpe de Estado reaccionário. Apezar disso o governo toma todas as medidas para evitar a propaganda pan-germanista.—(U. P.)

A Liga das Nações e a Alta Silesia

BERLIM, 3.

A Liga das Nações encarregou um «comité» especial de representantes de nações, que ainda não tinham tratado da questão da Alta-Silesia, de dar a sua opinião sobre o assunto. Desse «comité» fazem parte representantes da Belgica, do Brazil e da China.—(R.)

DE ESPANHA

Os arroseiros de Valencia declararam-se em greve

MADRID, 3.

Declararam-se em greve os arrozeiros de Valencia, pedindo aumento de salário. Em Bilbau, continuam a trabalhar os altos fornos e circulam os electricos. Chegou a Cadiz o couraçado «España», conduzindo a missão espanhola que tinha ido ao Peru, marchando depois no «expresso» para Madrid.—(R.)

A greve geral em Bilbau

BILBAU, 3.

Continua a greve nesta cidade. Os carros electricos sairam guardados por forças do exercito, que retiraram pouco depois, em vista da tranquilidade que reinava na cidade.—(U. P.)

Duqueza de Fernan Nunez

BILBAU, 3.

Faleceu a duqueza de Fernan Nuñez.—(R.)

ALEMANHA E FRANÇA

As negociações da questão das reparações

"A Alemanha pagará, sobretudo em materiais, que serão aplicados nas regiões devastadas" — diz o acordo a que se chegou

Se o governo de Wirth conseguir aproximar os socialistas, a Alemanha poderá esmagar os militaristas

As negociações de Wiesbaden entre Loucheur e Rathenau para encontrar uma plataforma de reparações, terminaram.

A impressão causada pela simples noticia sem comentários, é de que as relações entre a França e a Alemanha se tornaram muito firmes e que, de parte a parte, a lealdade não deixou nada a desejar. Mas depois de lêr a imprensa franceza, não desconfiada, com razão é certo, vê-se que o mal-estar existente entre a França e a Alemanha se atenuou extraordinàriamente e poderá mesmo desaparecer, não nos atrevemos a dizer para sempre, mas pelo menos por um tempo apreciavel.

Na generalidade, o programa é o seguinte:

A Alemanha pagará, sobretudo em materiaes, que serão exclusivamente aplicados nas regiões devastadas. A França aceitará estas prestações até 1926, podendo o valor delas exceder as quantias exigidas até essa epoca; o excedente ser-lhe-há tomado em conta nos anos futuros.

Daqui surgem vantagens para ambos os paizes.

E' verdade que a industria franceza vêr-se-há expulsa dos territórios devastados pela concorrencia alemã; mas assim procurará mercados fóra, que não se extinguirão como aquele, logo que as provincias voltem ao estado normal, o que poderia provocar-lhes uma crise. O que é á primeira vista um perigo é, afinal, uma vantagem.

Quanto aos alemães, as vantagens são de molde a satisfazê-los completamente. Pagando em produtos, vêem a industria prosperar imediatamente; e como o valor do «marco», em relação aos géneros na Alemanha, é muito superior ao que lhe atribue o cambio, o governo alemão comprará aos industriaes por um preço muito inferior áquele que é atribuido nas reparações. A diferença a favor da Alemanha contribuirá enormemente para valorizar o «marco».

Há, portanto, na Alemanha, homens capazes de trabalharem pela sua terra e de satisfazerem plenamente ao mesmo tempo os desejos dos aliados. Deixá-los-hão trabalhar?

A Alemanha encontra-se agitadissima, em virtude do assassinio de Erzberger. Os socialistas queriam a todo o transe lançar-se aos pan-germanistas que, publicamente, deante dos cartazes que anunciavam a morte dele, afirmam: «Este já não fará mal a ninguem. Assim estivessem os outros». E os socialistas preguntam: «A quem caberá agora a vez?»

Se o gabinete Wirth conseguir coordenar em volta de si a força dos socialistas e os homens capazes de guiarem os cabeças, não forem assassinados, a Alemanha poderá, talvez, esmagar os militaristas. Mas se o não conseguir? Não será apenas a guerra civil na Alemanha; nesse caso terão de fazer ouvir-se.

A produção de trigo em França

PARIS, 3

O ministro da Agricultura comunicou ao conselho de ministros que a colheita do trigo deve ser de 87 milhões de quintais incluindo 2 milhões das colheitas de Alsacia-Lorena, o que dá um rendimento médio de 18,40 quintais por hectare, o que nunca conseguiu até hoje.—(H.)

NO TRIBUNAL DE SANTA CLARA

COMEÇOU HOJE O JULGAMENTO DO TENENTE-CORONEL LIBERATO PINTO

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA O EX-CHEFE DO ESTADO MAIOR DA G. N. R.

Primeiras impressões — Na sala do julgamento — Falando com o sr. tenente-coronel Ponce Leão — As opiniões do sr. Liberato Pinto — Um golpe de audacia — As testemunhas — A chegada dos membros do Conselho Disciplinar — Só na quinta-feira é que se poderá saber a resolução do Conselho

Chegámos ao Tribunal de Santa Clara ás 11,30. A' porta, nem um automovel, nem um popular. Só a sentinela se esforça para se manter disciplinarmente rigida, sob um sol escaldante. Subimos o primeiro pizo pela escadaria. Azulejos nas paredes, um corrimão em mármore, mais azulejos, todos pombalinos.

—E' aqui que se realiza o julgamento do sr. Liberato Pinto?

Estávamos em frente da sala dos julgamentos, uma sala já nossa conhecida, de bancadas em hemiciclo, por onde passaram muitos conspiradores monárquicos.

—Não; não é aqui! Entre por essa porta em frente e tome o corredor á sua direita. E' uma sala lá ao fundo.

Seguidas as indicações, o jornalista depara com três continuos. A reportagem ameaçava ser dificil. Era preciso conquistar os continuos para podermos caminhar. Tirámos o chapeu; um sorriso respeitoso, quase servical.

—E' aqui o julgamento?

—E'. Mas olhe que é secreto. Não póde saber nada. Ontem—diz o mais edoso, que depois soubemos ser o mais categorizado: sargento—recebemos ordens terminantes para não dizer nada.

—De acôrdo. A disciplina acima de tudo. Um militar não a deve infringir.

Mais frases neste tom. Eu não lhes disse que era preciso conquistar os continuos?

—Quem são os generaes que fazem parte do Conselho Disciplinar?

Veiu um mapa que era, nem mais nem menos, que uma folha de papel escrita á máquina.

—Escreva: generaes Tamagnini de Abreu, presidente; Teofilo José da Trindade, relator; Tomaz de Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão; Gomes da Costa, comandante da 4.ª divisão, e João Alves Camacho.

—A que horas começa o julgamento?

—Ahi pela uma. Talvez mais tarde.

A sala do julgamento

Sentámo-nos. Dos jornaes não tinha vindo ninguem. Um movimento de orgulho da parte do jornalista. Já tinha marcado em pontualidade, o que é alguma coisa. Os continuos conversam. Diálogo banal, vago; feito de propósito para encher o tempo de alguma coisa: palavras. Têm umas fardas curiosas. Que eles nos perdôem este pequenino reparo... São fardas de revista, de opereta russa, onde houvessem arquiduques e princezas apaixonadas por actores célebres.

Como são elas? Azues, dum azul carregado de vivos vermelhos, excitantes, febris, vermelhos de cartaz.

Uma ideia. E se o jornalista visse a sala do julgamento? E porque não?

—Se nos mostrasse a sala?...

—Oh! impossivel! O sr. tenente-coronel não quere... E logo:—Eu vou falar com ele.

Uma porta que se abre, um reposteiro que se afasta. O continuo volta:

—Entre. Fale acolá com o sr. tenente-coronel.

A nossa maior reverencia. Entrámos quási tão diplomáticamente como o sr. Melo Barreto, quando foi a Buckingham Palace palestrar com Jorge V.

A apresentação:

—*Diário de Lisboa.*

O pedido:

—V. Ex.ª compreende que esta reportagem é muito dificil...

—O julgamento é secreto...

—Sim; sabemos. Se V. Ex.ª nos mostrasse a sala onde ele se realiza...

—Hein! Uma reportagem impressionante!

O impressionante veiu com um «é» carregado, bem acentuado.

—Aqui a tem!

E' uma sala? Não! Uma salinha pequena, com «lambris» de azulejos aguarelados a azul, até a meio da parede. O resto é caiado a branco. Ao centro, uma mesa de pau preto; em cima, um tinteiro de metal amarelo, papel, canetas; á roda, cadeiras de espaldar. Mais cadeiras por aqui e ali. Ao fundo, uma janela, muito larga, muito rasgada, que respira sobre o jardim de Santa Clara e sobre o Tejo.

—Aqui a tem, repetiu.

Voltámos ao seu gabinete.

—Sabe que sou o secretário do Conselho...

—V. Ex.ª?

—Eu, Aurelio Ponce Leão, tenente-coronel.

—E se V. Ex.ª nos dissesse...

—O julgamento é secreto.

—Por isso mesmo.

—O que lhe posso dizer é que o julgamento é secreto por lei e não por se tratar do sr. Liberato Pinto.

—Tem-se afirmado e escrito o contrário...

—Leia...

Lêmos o artigo 1.º do Regulamento Disciplinar, que reza assim:

«As sessões do Conselho Disciplinar são secretas...»

Um continuo, o tal sargento, entra, e, com certa solenidade, diz:

—Chegou o sr. tenente-coronel Liberato Pinto.

—Oh! exclamámos, lá perdemos a entrada do homem!

Fala o sr. Liberato Pinto

O sr. Ponce Leão sae. Perseguimo-lo. O sr. Liberato Pinto entrara para uma sala. Estava já conversando com o sr. António Pereira do Vale, promotor do Supremo Tribunal. Espreitámos. O antigo presidente do ministerio enverga a sua farda cinzenta de oficial do estado maior. Está satisfeito, contente; a sua palavra tem salpicos de riso. O sr. Ponce Leão conversa três minutos com ele. Só dois minutos, ouviram? Quando ele sahia da sala, entrámos nós.

—E' hoje o seu julgamento?

A primeira frase é sempre uma banalidade. O que há de interessante vem depois, no decorrer da conversa.

—Qual é a sua impressão? Será absolvido?

O sr. Liberato Pinto, de braços cruzados sobre o peito, tem sempre um sorriso. Porque nós nunca encontrámos um Liberato Pinto, grave, «fermé» é a palavra.

—Compreende que o inculpado tem sempre uma impressão favoravel.

E a conversa salta, confunde-se, alarga-se. Entra gente, que cumprimenta respeitosamente o antigo presidente do ministerio.

—Sabe que o Pedroso de Lima parece que volta para a guarda...

—Ah! sim!?

Um sorriso irónico do sr. Liberato.

—Estou vingado! Emquanto estive na guarda não houve uma unica revolução; agora é o que se vê.

—Mas a opinião publica diz que V. Ex.ª está inter-bastidores...

—Não acredite. A minha situação actual não me permite intervir na politica. Tenho sido sempre infeliz nas lutas partidárias. Acusam-me, eu, que tenho agora para cima de mil contos sob a minha gerencia, de ter feito actos deshonestos...

—Mas a politica conserva ainda as portas abertas para V. Ex.ª...

—Depois... depois... Deixe terminar isto.

E o sr. Liberato Pinto fala-nos da sua vida de trabalho, do seu curso de explicações, dum curioso concurso ao lugar de professor na Escola Marquez de Pombal em que ele estava quase a ser preterido por um outro.

—A minha mulher quiz tomar posse, em meu lugar. Tinha que ser no prazo de trinta dias, e eu estava em Africa. Só se viesse de avião!...

Uma gargalhada franca, aberta, muito despreocupada.

—A *Situação* de hoje, prossegue o sr. Liberato Pinto, volta a falar duma casa... Não é minha.

—Mas... mas...

—Alugueira... Dezanove anos... Companhia dos Caminhos de Ferro...

O jornalista não compreendeu bem se a tal casa pertence ou não ao sr. Liberato Pinto. Mas ia quási afirmar que ele a alugou por dezanove anos.

Alguem chama o ex-chefe do estado-maior da guarda republicana. S. Ex.ª segue para outro gabinete.

No corredor já se encontram alguns jornalistas. Conversa-se e fuma-se. Como sempre, diz-se mal das emprêsas.

A's 12,30 entra o sr. general João Alves Camacho. E' o primeiro a chegar. Vem de «frack» e chapeu de côco. Enfrenta logo a sala do julgamento. Uma força da guarda republicana, comandada por um alferes, espalha-se pelos corredores.

Uma conversa secreta

O *Diário de Lisboa*, na pessoa do seu representante, começa a passear num corredor. Ele sabe muito bem, que ali, por detraz daquela porta, o sr. Liberato Pinto conversa com o seu ajudante Otero, que chegou agora mesmo. O que se diz? Um golpe de audácia. A porta do gabinete está simplesmente encostada. E, como o jornalista tem sido apodado pelos seus colegas e pelos seus entrevistados, de irreverente, de inconfidente e de muitas outras coisas, que pouco o magôam, ouve. Colega amigo, põem-se de atalaia ao fundo do corredor.

O que nós ouvimos:

—Todas as minhas questões com o Alvaro de Castro foram sempre daquelas que um homem que é disciplinado e que sabe do seu «metier»...

Um sinal do colega.

—Reconstituintes... Alvaro de Castro... Reconstituintes... Reconstituintes...

E' quase um reclame ao partido. O sr. Liberato Pinto, que é quem fala, deve com certeza estar a dizer muito mal do ex-ministro da Guerra, que lhe póz ás costas aquele Conselho Disciplinar.

—Fez um lugar detestavel em Africa... Na passagem do Rovuma... Lanchas... Cruzador *Adamastor*... Eu não queria... Desastre...

A voz do sr. Liberato Pinto esmoreceu; não se percebe agora nada. Raciocinámos: a quem se atribue o revés do Rovuma? Ao sr. Alvaro de Castro? Parece-nos ser esse o pensamento da conversa que se travara naquele gabinete. Mais palavras, todas soltas:

—Uma carta... Se eu quizesse. Tive essa carta... A escritura mandei-a publicar nos jornais... Vocês viram-na; não é assim?

Popular... revolução... um almoço... Um revolucionario encartado... Não!

Não ouvimos mais nada. O sr. Ponce Leão, muito direito, muito militar, quási que nos surpreende em pleno delicto de inconfidencia. O jornalista mete as mãos nos bolsos, toma um ar de muito massado e diz:

—Quando terminará este julgamento, sr. tenente-coronel?

—Hoje, não. Talvez daqui a cinco dias.

—E ámanhã?

—Não há nada! Só na quinta-feira é que naturalmente, se tomarão decisões.

—Naturalmente?

—Sim, porque o julgamento póde ir além desse dia...

—O processo é muito volumoso?

O sr. tenente-coronel Ponce Leão sorriu-se, diz-nos a sua edade, pregunta a nossa. Recorda um filho, um filho que morreu e que era jornalista. Gentilmente com a voz preza de saudade, informa:

—O processo é muito volumoso.

—E as testemunhas são muitas?

—Bastantes...

—Quantas serão ouvidas, hoje?

—Talvez quinze.

—Todas de defeza?

—Sim; de defeza.

—E as de acusação...

—Tambem serão ouvidas.

—O sr. Granjo vem depôr?

—Não!

—Mas o sr. dr. Alvaro de Castro, vem depôr. Não é assim?

—Tambem não.

—E quem são as testemunhas de defeza?

—Não lhe posso dizer.

—O sr. Liberato Pinto, porém, disse-nos —o que é verdade—que dera como testemunhas todos os ministros das colónias...

—Sim, ele póde apresentar as que quizer até ao fim do julgamento.

—O que se passará hoje?

—Deve ser ouvido o sr. Liberato Pinto e, se houver tempo, algumas testemunhas.

Inquisitorialmente, perdão, jornalisticamente preguntámos:

—Será absolvido?

—Ninguem sabe! Ninguem, ouviu! Os generaes conhecem unicamente o esqueleto do processo...

O réu póde apresentar ainda muitos documentos de defeza. Até logo!

A' uma hora em ponto entram todos os membros do Conselho Disciplinar. A' frente, o sr. Tamagnini de Abreu, amparado a duas bengalas, muito doente, muito fraco; depois, os srs. Teofilo José da Trindade, Tomaz de Sousa Rosa e Gomes da Costa. Vêm todos fardados. A guarda apresenta armas. Os membros do Conselho Disciplinar não têm um sorriso, um traço fisionómico, no qual se vislumbre um indicio, uma resteа de opinião. O sr. Gomes da Costa é o mais direito, o mais rigido.

Tinham chegado já algumas testemunhas: major João Coelho de Castro Vilas Boas, capitão Matos dos Santos e Daniel José Fernandes. São todas de defeza. O julgamento vae começar. Está fechada a audiencia, porque é secreta...

A. P.

Ordem publica

Vão ser postos em liberdade os presos implicados no ultimo movimento

Vão ser postos em liberdade os presos politicos, srs. tenente dentista Augusto José Vilhena, José Bernardo Junior, agente da policia de emigração; Adriano Petronila, José Candido da Gloria, cabo sinaleiro da armada; Alvaro André, enfermeiro dos T. M. E.; Jacinto Marques, electricista; Antonio Lopes Almeida, Acacio Augusto Saraiva, João Lopes Pereira, Adalberto Soto, Alvaro Fialho, Joaquim da Silva Vaz, José Tolentino Bastos e Alfredo Figueiredo Carvalho, que se encontram reclusos nos quartos particulares do governo civil, como supostos implicados no movimento malogrado de 30 de agosto ultimo, e que foram capturados no parque Eduardo VII.

Bolsa de Lisboa

Dia 3

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$50	48$50
s|Londres cheque	6 3/8	6 1/8
» 90 d. v.	6 1/2	—
Rio s|Londres	—	—
s| Paris	788	820
s| Italia	452	470
s| Belgica	768	800
s| Suissa	1722	1793
s| Espanha	1316	1370
s| Berlim	115	122
s| Holanda	3209	3340
s| Nova York	10300	10450
Rio Brasil	80	74
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	800	900